

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Denise Maria Motta Pereira Bonifácio
RA 027909

MEMÓRIAS DA ESCOLA, MEMÓRIAS ESCOLARES

Campinas
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Denise Maria Motta Pereira Bonifácio

MEMORIAS DA ESCOLA, MEMORIAS ESCOLARES

Memorial apresentado ao Curso de
Pedagogia - Programa Especial de
Formação de Professores em Exercício nos
Municípios da Região Metropolitana de
Campinas, da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, como
um dos pré-requisitos para a conclusão de
Licenciatura em Pedagogia

Campinas
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B641m Bonifácio, Denise Maria Motta Pereira
Memórias da escola, memoriais escolares : memorial de
formação / Denise Maria Motta Paereira Bonifácio. -- Campinas, SP : [s.n.],
2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-498-BFE

A Deus Pai e somente a Ele,
por ter me sustentado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai, por fazer parte, de uma Família tão especial, que foram meus amigos e companheiros nesses anos.

A meus pais Antonio e Maria, que sempre acreditaram que deveríamos estudar e fizeram o possível para isso.

A minha avó paterna Julieta, que apesar de analfabeta, sempre acreditou em mim.

A minha avó materna Osvalda, que apesar da pouca instrução, me encantava com sua sabedoria.

A minha tia Urubatana, que fez meus, seus sonhos e por isso estou aqui.

A meu filho Abner, por ter ficado sem suas histórias na hora de dormir, para que outros tantos tivessem oportunidade de ouvi-las.

A minhas irmãs Julieta e Marta, que cuidaram do Abner, (e de mim) para que eu pudesse vir pra a faculdade

A meu esposo Altair, que sempre incentivou, meu crescimento profissional e nunca pos empecilhos para isso.

A minha companheira de sala Gisele, que invadiu minha vida com seu sorriso e ajudou-me a expressar meus sentimentos, uma verdadeira educadora.

A minhas colegas de turma pelos momentos felizes e infelizes, (poucos) que vivemos, todos valeram muito a pena.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.

Sumário

	APRESENTAÇÃO	01
1.	A ALUNA	02
2.	A NOVA ESCOLA	03
3.	O GINÁSIO	05
4.	A MONITORA	06
5.	A PROFESSORA	07
6.	NOVA CHANCE PARA O FUNDAMENTAL	11
7.	A UNIVERSITÁRIA	12
8.	AS AULAS	14
9.	EDUCADORA	16
10.	A INCOERÊNCIA	17

APRESENTAÇÃO

Esse memorial, busca fazer uma reflexão, de todos os processos vividos até aqui e que contribuíram para minha formação profissional.

Ele não se prende apenas no tempo presente, mas na busca de memórias passadas, tenta dar sentido, ao hoje, que foi estudado, durante esses três anos de universidade.

Constata assim, a veracidade dos fatos históricos, vividos pela educação brasileira.

Em minhas memórias infantis, pude achar sentido para os textos de História da Educação, Política Educacional e Gestão. E assim compreender através de fatos vividos, o processo por que passou a educação até os dias atuais.

Em minhas memórias de Educadora, achar nos textos de pedagogia de 0 a 6 anos e Educação Infantil, a teoria que me faltava, para organizar meu ideal de educação.

Nas memórias da professora achar nos textos de Currículo e Português, apoio para seguir a diante e acreditar, que posso e devo fazer o possível, para que a educação pública, atinja os meios para que veio.

Procurei escrevê-lo, de uma forma que ficasse leve e divertido, mas que ao mesmo tempo, desse conta de levar o seu recado, de alguém que não se conforma, (e nunca se conformará) com os rumos dados a educação, principalmente na educação infantil e séries iniciais.

Com a ousadia de querer buscar meios, para dar uma continuidade, a esse processo formador, iniciado com essa graduação.

Boa leitura.

MEMÓRIAS DA ESCOLA, MEMÓRIAS ESCOLARES

Nunca quis ser professora

Minha madrinha insistia. “Faça o magistério, pelo menos, quando você acabar o colegial terá uma profissão.” Terminar o colegial? Continuar estudando, fazer o magistério, pra que? Nunca fui uma aluna das mais brilhantes.

1- A ALUNA

Fiz o começo do primário na escola “Celestino de Campos”. Não tenho quase nenhuma lembrança de meu tempo escolar no primário. Da professora da 1ª série só me lembro que era alta, tinha cabelos curtos e todos os dias nos tomava a lição da cartilha “Caminho Suave” se não soubesse a lição não podia passar para a outra.

Da professora da 2ª série só me lembro de um dia que ela brigou conosco, porque não nos comportávamos na fila e disse: “Essas crianças ainda me farão perder esse filho”. Puxa! Eu nem sabia que ela estava grávida.

Da professora da 3ª lembro-me de suas intermináveis cópias da lousa que ela enchia, de ponta a ponta, depois saía não sei para onde e nos deixava copiando, logicamente fazíamos mais bagunça do que copiávamos. Eu pelo menos nem uma linha fazia. Repeti o ano.

Foi então que no ano seguinte cai na classe da professora Dulce, talvez seja por isso que até hoje goste daquele poema da Cecília Meireles.

CANÇÃO DE DULCE

Dulce, doce Dulce
menina do campo
de olhos verdes de água
de água e pirilampo
Doce, Dulce doce, dócil
estendendo pelo sol lençóis
entre anil e vento
Dócil, doce Dulce
de face vermelha
doce rosa airosa a fugir da abelha
da abelha, de vespas e besoiros tontos
pelo arroio de oiro de seixos redondos

Escrevíamos bastante, redações e mais redações. Um dia ela leu uma minha e gostou, “O lobo vegetariano”. “Fala pra sua mãe vir conversar comigo que eu quero mandar essa sua história pra um concurso do jornal”. Minha mãe foi. Minha redação ganhou. Ganhei livros, os primeiros de minha vida. Li, reli, trili.....

Afeto por parte de meus professores, só me lembro mesmo da Dulce. A escola parecia ser um lugar onde não só as paredes eram de concreto, mas seus seres também.

Pensando nessa questão, hoje vejo, como as coisas mudaram em relação à educação, não apenas as formas, de como se ensina os conteúdos, mas também a forma de como se lida com os alunos.

Hoje, a luz de Paulo Freire e sua pedagogia da autonomia chamou-me a atenção.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamado-nos um a um, devolvia-os com o seuajuizamento. Em certo momento me chama e olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que minha própria nota dez que me atribuiu a redação. (FREIRE, 2005,pg 43)

Dulce ou minha professora Dulce assim fez comigo. Olhou para mim quando eu mais precisava de uma aprovação. Percebo então quão preciosa foi para mim a pequena Dulce, que era quase de nosso tamanho.

E desta reflexão, penso em eu, como educadora, um dia me igualar a ela, que em um tempo tão adverso fez isso por mim.

2- A NOVA ESCOLA

Na quarta série fui estudar no Carlos Gomes. Sou a mais velha de cinco irmãos. Meus irmãos têm visão subnormal e na época, era única escola em Campinas, que oferecia oportunidade, para crianças com deficiência visual estudarem, meus irmãos não são cegos, mas tem catarata congênita e precisavam de textos adaptados, para poderem ler. Até hoje três deles usam um aparelho especial para leitura. Para meus pais ficava difícil mantê-los na escola, pois ela ficava na região central de Campinas e morávamos na periferia. A APM da escola então, propôs a meus pais, que eu os levasse e eles pagariam a passagem, então me transferiram para lá, para que eu pudesse levá-los para a escola.

O que mais gosto nesse curso feito aqui na Unicamp, é essa característica contestadora que a faculdade tem, porque nos leva não a só adquirir o conhecimento, mas a questionar, as diversas faces de uma mesma questão.

Esse fato que narrei acima, ocorreu na década de 80 e hoje após ter assistido as aulas de História da Educação, Política Educacional, Gestão, Pedagogia de 0 a 6 anos, percebo o quanto vivi essa política educacional elitizada.

Na época em que fazia o primário no Carlos Gomes, as crianças que freqüentavam aquela escola, em sua maioria, eram das mansões do Cambuí, Taquaral e da região Central de Campinas, onde o poder aquisitivo era maior.

A escola era considerada também, do mais alto nível de ensino, coisa que senti diferença ao voltar lá dez anos depois, já como estagiária do Magistério e encontrar, alunos já não tão bem preparados, pois a clientela mudara. Agora sua grande maioria, é formada por filhos de empregadas domésticas, já que a classe média e alta prefere manter seus filhos em escolas particulares.

Foi difícil para mim, aceitar os fatos históricos, narrados pela professora de política, pois tinha em minha mente, que as crianças de hoje o que não querem é estudar.

Nunca havia pensado, nessa mudança de clientela, para mim os alunos sempre foram alunos e sua questão social como fator educativo não havia me chamado a atenção até então. Sabia que eles eram carentes, mas achava que o fato de não apresentarem bons resultados, era mais por falta de vontade própria do que outra coisa.

Continuando a condição financeira e educacional desta escola, era tão boa quanto qualquer particular de hoje em dia.

Tanto que a APM, manteve a mim e a meus irmãos, durante quatro anos, com transporte, uniforme, material didático e refeição, até que eu, na sétima série mudasse de escola porque iria começar a trabalhar, meu irmão terminasse o ginásio e os três menores o primário.

Dessa época trago também a reflexão do trabalho feito pela inclusão dos deficientes na escola regular. Lembro-me da agonia de minha mãe, quando meu irmão completou sete anos e a escola perto de casa, onde eu estudava, não quis lhe dar vaga, alegando não ter como atendê-lo. E mais uma vez repenso, a questão da elitização do ensino público no país, pois não só no Carlos Gomes, mais algumas escolas na região central, mantinham esse tipo de atendimento e me vem à lembrança também, que essas crianças que freqüentavam essa classe, eram crianças de um bom poder aquisitivo.

Mas hoje graças a inclusão, nossas crianças podem ter acesso a escola pública e assim garantir seu direito ao convívio social e o acesso a instrução. Apesar de ainda termos muito que caminhar para que essa realidade se torne o ideal, não só para os “ditos” de necessidades especiais, mas para os que freqüentam a escola pública de um modo geral.

Minha professora da quarta série era dona, Dona Olga. Engraçado alguém estudar pra ser dona. Ela era interessante, ao mesmo tempo em que nos exigia dedicação nos estudos, contava piadas e brincava conosco durante as aulas. Ela trazia lanche de casa e quando achava que eles estavam estragados ou cheirando mal, dava três beijinhos neles antes de jogar no lixo. Aquilo para nos era hilário. Estranho é que não me lembro de ter amigos de escola nessa época, talvez pelo fato de pertencer a uma realidade tão diferente da de meus colegas.

3- O GINÁSIO

Não gostei da 5ª série. Cai em uma classe de repetente. Eram todos mais velhos. Tinha muita bagunça. Reprovei o ano, por falta em Educação Física.

No ano seguinte, cai em uma classe onde todos tinham vindo da quarta série, foi mais tranqüilo.

Sempre fui muito infantil para minha idade, (treze anos na época) enquanto algumas meninas já pensavam em namorar, eu preferia a companhia das mais novas, que ainda não pensavam nisso, por isso gostei mais de estudar com essa turma.

Só me lembro de ter amigos na escola daí para frente. A Caetano, a Padilha e a Beltrão (nomes esses dados a nós pelo professor de matemática, que chamava a todos pelo sobrenome, e eu era Motta). Nos gostávamos do Menudo. Da 5ª à 6ª fomos a mesma turma exceto, aqueles que repetiam.

Tenho mais lembranças dos professores do ginásio, talvez porque todos tinham suas polêmicas, nenhuma aula era igual a outra. Tínhamos aula de Francês com uma professora muito chique, que nos dava aulas de etiqueta. Um professor de Matemática, que pensava estar lidando com cadetes do exército. Um professor de Geografia, que não se desviava uma vírgula do que estava no livro didático. Uma professora de Português, de origem árabe que nos fala sobre a cultura de seu povo, tão incomum naquela época. Um professor de Ciências, que mais parecia um cientista maluco saído de um filme. Uma professora de educação Artística, que nos dava aula de música e nos ensinou o hino da escola e da França. Um professor de História petista que acabava com todos os nossos ídolos. “Tiradentes não era nenhum revolucionário salvador da pátria, talvez nem ao menos soubesse o que isso significava, fez o que fez mais por causa própria, do que por convicções políticas”. Como? E as lágrimas que derramei? Ele se divertia. “Tudo em vão”. A prendi então a questionar tudo que ouvia e via na escola.

Já com 15 anos mudei de escola para estudar a noite porque precisava trabalhar. Concluí a 7ª série na Escola Estadual Maria Julieta de Godoy Cartezani (MAJÚ) e comecei e parei a 8ª série duas vezes, porque não agüentava trabalhar o dia todo e estudar à noite. Fiquei dois anos sem freqüentar a escola. Voltei a estudar, quando minha tia me matriculou na 8ª série, em uma escola onde ela trabalhava.

Então cedi aos seus apelos e prestei concurso na prefeitura de Campinas. Fui trabalhar como monitora em uma creche. Prestei também o vestibulinho para o magistério no “Carlos Gomes”. Interessante foi ver o resultado, comecei pelo final da lista, onde não achei meu nome. Fui avançando para o início e lá estava o meu entre os vinte primeiros.

Nunca fui uma aluna das mais brilhantes...

4- A MONITORA

Eu tinha 19 anos na época, não tinha filhos e não fazia a menor idéia do que fazer com aquelas crianças.

Trabalhava na época como auxiliar de escritório, no escritório regional de um grande magazine. Quando falei para uma colega de serviço o que faria na prefeitura ela me disse: “Legal você vai trocar muita fralda e limpar bastante ranho”. Que? Fralda, ranho?

Comprava então todo mês uma revista Pais e Filhos, pra ver como “aquilo” funcionava. Comecei a gostar de criança, comecei a gostar de trabalhar com criança, comecei a gostar de ser chamada de Educadora.

“Educador ,adj.e SM. Instrutor, professor, mestre, pedagogo”(dicionário Aurélio).

Fui ser Monitora de Educação Infantil. Trabalhei durante sete anos nessa função, até terminar o magistério e esperando novo concurso, para mudar de função.

O bom de fazer magistério e trabalhar como monitora, era que eu não tinha só a parte teórica, mas podia rever minha prática e ao mesmo tempo confrontar meus professores, pois muita coisa que vivia era totalmente diferente da teoria que me era ensinada. Dei muito trabalho a eles com meus questionamentos.

Aprendia muito também com os professores com os quais eu trabalhava, alguns cursavam Pedagogia na Unicamp e falavam de um tal de Vidisq, Vinovisq, Vidovisq, bom enfim Piaget é mais fácil de falar.

Eu tinha também uma diretora a Jô, que sempre me incentivava, a crescer profissionalmente. Sempre me dava livros para ler, me mandava a palestras, onde ela sabia, seriam confrontados, meu aprendizado com minhas práticas. Conversávamos muito sobre afetividade, e a valorização dos saberes já naquela época, coisa não tão comum no meio educacional do período.

Gostava e ainda gosto muito de trabalhar com educação infantil.

Em 1997 pedi demissão e fui trabalhar com professora substituta, na rede estadual, na esperança de uma maior valorização profissional. Não que me arrependa desse tempo que trabalhei como monitora, mas trabalhar oito horas por dia, com crianças pequenas é fisicamente incompatível com qualquer boa vontade que se tenha.

“Caminhando contra o vento sem lenço, sem documento um sol de quase dezembro eu vou” (VELOSO, Série Milênio, 1999)

5- A PROFESSORA

O que era aquilo? Onde estavam as crianças que eu conhecia? Conhecia? Quanto sofrimento, o que fazer? Por onde começar?

“Vou falar pro meu tio matar você.” “Você vai o quê? Então manda ele fazer um serviço bem feito. Matar bem matado, porque se eu conseguir escapar você ta frito.”

O que era aquilo? Estava fazendo tudo o que sempre detestei em meus professores. Não conseguia me aproximar da realidade deles. Por mais que me esforçasse tudo parecia em vão. A carência daquelas crianças ia além de minhas forças.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(DIAS, 2002, pág 28,31)

“Como funciona isso?” Nada do que faço, satisfaz esses alunos. Por quanto tempo terei de suportar isso? E esse outro concurso que não sai? Quando vou me efetivar? Quando vou voltar a ser feliz como educadora?

Jô, onde está você? E as nossas conversas sobre educação? Deveria ter me atrevido mais, ter me preparado para outros desafios, mas como saber o que teremos pela frente, a não ser quando chegamos lá.

A Jô sempre foi uma idealizadora da escola pública, amava a educação infantil e trabalhava conosco, uma filosofia bastante incomum para a época. Na transição da educação infantil, da promoção social, para a educação, isso era bem difícil de se aceitar. “A criança tem direito à vaga na creche” Mas e se a mãe não estiver trabalhando? “Não importa a criança tem direito à educação. Temos que garantir seu acesso à educação infantil”. “Antes de se trabalhar a escolarização é preciso que se trabalhe a afetividade, o corpo, o respeito, a autonomia dessa criança.” E eu sempre concordei com esses seus pontos de vista

Assim achava, que trabalhar como professora, seria igual em qualquer lugar que estivesse, nunca havia me dado conta, de que em realidades diferentes, as crianças também seriam diferentes.

Trabalhei durante sete anos, em uma mesma unidade e ali sempre aprendemos a respeitar e respeitávamos as crianças, dando voz e autonomia as mesmas. De repente me vi em um lugar, onde o que mais tinha que fazer, era pedir auxílio da direção, para que aquelas “pestes” não se matassem ou não fizessem o mesmo comigo. Não tinha voz nem vez, não tinha apoio de ninguém. Em algumas escolas me sentia até invisível pois os professores, nem respondiam ao meu : “*Bom dia*”.

Aconteceu até um episódio interessante, em uma dessas escolas. Eu peguei umas aulas de reforço, que eram ministradas durante o período de aulas. Os professores então mandavam as “pragas” da sala, para por algumas horas se verem livres deles.

Então em uma das vezes, que fui buscar os alunos na sala, a professora veio conversar comigo, disse que já estava ficando biruta com a sala, fazendo um gesto com o dedo em volta da cabeça, para demonstrar como se sentia. Dei-lhe a atenção necessária naquele momento, pois entendo que às vezes as pessoas, professoras,

precisam de alguém para desabafar. Levei então os alunos para a aula, ao chegarmos na sala, um aluno que presenciara tudo me perguntou: “Professora, minha professora está louca?” Ao que respondi: “Vocês deveriam ser mais bonzinhos e não darem tanto trabalho para ela”.

Quando voltei na semana seguinte para a escola, estava armada a maior confusão. O aluno, começou a dizer para as outras crianças, que eu havia dito que a professora estava louca e que eu havia feito o gesto com o dedo, dizendo que ela estava tãtã. Foi a maior confusão, pois ela não aceitava no que eu dizia e não se lembrava de nossa conversa. Fomos parar na diretoria (é professor também vai para a diretoria). A diretora me chamou a atenção, disse que eu, por ser inexperiente, não devia falar essas coisas para as crianças. Por mais que eu negasse, ela não me dava credito. Foi então que usei o seguinte argumento: “Eu posso não trabalhar a tanto tempo, como professora como a Maria, que já é até aposentada na função, mas não sou inexperiente como professora. Pois já trabalhei com crianças, durante sete anos como Monitora, em uma creche da prefeitura e sei muito bem, o que se pode e não se pode dizer, na frente de uma criança. E além do mais, sou uma pessoa ética e nunca diria isso de uma colega para outra, muito menos para um aluno. Ela me ouviu, pediu desculpas e me deu razão”.

Deste dia em diante, comecei a me valorizar como professora, a dar valor ao meu conhecimento e ver a necessidade que se tem de uma boa argumentação e fundamentação para propostas. Não basta apenas a prática essa tem que vir aliada a uma reflexão diária e continua de nossos saberes.

Meu senso comum norteava muito de minha pratica pedagógica. Vi a necessidade, que tinha de um curso superior, onde pudesse aprender a fazer esse tipo de coisa.

Esse tempo que passei no exílio, como substituta do estado, foi muito bom para meu crescimento profissional, pois comecei ali a me moldar como profissional e a me questionar sobre qual seria, a minha postura em sala de aula.

Apesar de “conhecer” o construtivismo, (ou algumas práticas usadas no ensino infantil) trabalhando na educação infantil, não conseguia entender, o porque não funcionava no fundamental e o porque das professoras do fundamental, não darem continuidade ao trabalho, feito pela educação infantil.

Porque as crianças não tinham autonomia para se servirem no horário do lanche? Na educação infantil cada um fazia seu prato e tinha a liberdade de escolher o que iriam

comer. E o trabalho coletivo onde estava ? E a mediação do outro no conhecimento? Se todos eram obrigados a ficarem sentados em carteiras separadas e um atrás do outro?

Comecei a sentir também, o preconceito existente contra a educação infantil, onde meus colegas diziam, ser fácil trabalhar na educação infantil, porque ali só se brinca.

Incomodava-me com o fato, de as crianças, serem tratadas diferentes no fundamental, apesar de serem crianças. E tinha dó dos pequenos da 1ª série, que eram obrigados, a ficar seis horas em uma sala de aula, sem poder levantar, sem conversar, sem parque, sem ouvir uma história, sem cantar uma música. Mas não sabia bem como argumentar e se minha argumentação estava correta, pois afinal ali era uma “escola”. E como devemos nos comportar na escola? Afinal todos os saberes necessários estão ali, não se é ninguém sem ela. Ela é o objetivo principal de nossa vida.

Em 2000 prestei o concurso, para professora na rede de Campinas. Não passei em educação infantil. “Inferno o que vou fazer? Bem, trabalhar no fundamental, até outro concurso”. Comecei a trabalhar então, como substituta na rede municipal de Campinas. Por três meses, fui professora de uma 4ª série. Era um a classe formada, em sua maioria por adolescentes e eles não estavam muito a fim de colaborar, com uma professora, que entrava aquela altura do ano, pois já era setembro e os mesmos, já tinham passado por duas outras.

“Como funciona isso?” Nada do que faço, satisfaz esses alunos. Por quanto tempo terei de suportar isso?E esse outro concurso que não sai? Quando vou me efetivar? Quando vou voltar a ser feliz como educadora? Jô, onde está você? E as nossas conversas sobre educação? Deveria ter me atrevido mais, ter me preparado para outros desafios, mas como saber o que teremos pela frente, a não ser quando chegamos lá

Ainda como substituta, fui trabalhar em uma 3ª série, na rede municipal de Campinas. Era uma classe para o ano todo.

“Ai meu Deus! Agora sou responsável pela aprendizagem, dessas crianças. Não posso ir embora, no final do dia e se não quiser nunca mais pisar aqui. Tenho que voltar todo dia, feliz ou não por estar aqui. Pelo menos, quando era substituta no estado, se não gostasse de uma sala, ou de uma escola eu não ia.”

Era uma escola tranquila, a direção e a Orientadora pedagógica, sempre estavam presentes. Mais eu ainda, não conseguia me ajeitar com os alunos. Achava difícil me acertar com aquele ensino conteúdista, o qual nem eu mesma gostava.

Minha orientadora me consolava: “Denise eles são crianças.” “São crianças? Mas que crianças são essas ? Porque nada está bom? Elas não se interessam por nada. Não dá pra contar história, não dá pra cantar, não dá pra brincar, tudo aqui é sério e formal”. Na educação infantil, ensina-se contando muita história, cantando, vivenciando os temas conversados. Já no fundamental não há espaço para isso, se você fala, ou deixa falar de mais, é considerado pelos colegas, como um incompetente, que só age assim, porque não sabe dar aulas ou seja encher lousa. No entanto conforme Rizzoli, de acordo com o pensamento de BRUNER

“Aprender é conseguir entender, entender é construir significados. A narração favorece, estimula e facilita a construção dos significados”.(...) Ouvir historia tem uma importância muito grande para a criança: faz com que ela se sinta importante, sinta que alguma coisa está sendo feita especialmente para ela.(RIZZOLI,2005,págs 7e11)

Comecei então bem timidamente, a dar vida as histórias e a contá-las para crianças maiores.

6- NOVA CHANCE PARA O FUNDAMENTAL

Nova escola novos alunos, mas eu a ainda continuava na condição de substituta. Agora sentia também, um certo preconceito por parte dos pais e alunos, que devido a várias situações, aonde a substituta vem para a escola e logo vai embora, não davam credito ao meu trabalho, pois achavam que eu logo iria embora, para a chegada “da professora efetiva”. No entanto fiquei com a sala o ano todo. Nessa escola já era um pouco melhor. Era uma 2ª série. Mas eram muitas crianças, a sala era abafada, escura e pequena. Tudo tinha que ser feito na sala, não dava pra sair, o sol lá fora era forte Dava pra cantar, dá pra contar história. Usava então muita música e histórias em minhas aulas. “Meu Deus, mais quanto conteúdo! O que essas crianças conseguem reter de tudo que falo?”

“Eu tomo uma coca-cola, ela pensa em casamento, uma canção me consola eu vou” (VELOSO, serie milênio,1999)

Não dá pra ser feliz assim, parece que tudo o que aprendi nesses anos todos de educação infantil, não prestam para nada. E mais esse discurso: “Criança tem que obedecer e pronto, não pode questionar, não pode falar, não pode andar, não pode correr, não pode subir, não pode, não pode e não pode”. O espaço físico da escola, não favorece em nada, pareço um ET, tentando dar algum sentido a essa vida escolar bancária. Corpo preso, mente presa.

No entanto segundo, Mello.

“Até agora temos contaminado, por assim dizer, a educação infantil com tarefas do ensino fundamental e de agora em diante, levando em conta os novos conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento das crianças trata-se de fazer o inverso (...). Estas atividades são em geral vistas na escola como improdutivas, mas na verdade, são essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança, além de constituírem as bases para a aquisição da escrita como instrumento cultural complexo. (MELLO, 2005, pag 24)

Comecei então a pensar, nessa possibilidade, de trazer para o fundamental, as práticas do infantil, e assim quem sabe, me achar como educadora e ser mais feliz, pois poderia fazer, com que meus alunos fossem mais felizes. O cantar e contar história foram umas delas. Ia a biblioteca e escolhia um livro para ler para a minha classe. Contava história para minha sala e me oferecia para contar na de outras colegas. Algumas aceitavam e lá ia eu. O interessante desta atividade, foi ver que as crianças, começavam a levar para casa, quando iam a biblioteca, os livros que eu lia. Elas começaram a se interessar pela leitura, mas apesar disso, ainda não gostavam de escrever.

(...) na Calormânia, aprende-se a contar uma história (seja ela verdadeira ou inventada), assim como você aprende a fazer redações. A diferença é que as pessoas gostam de ouvir histórias, mas nunca soube de alguém que gostasse de redações. (LEWIS, 2005, pág 206)

7- A UNIVERSITÁRIA

Unicamp.

Da mesma forma que não queria ser professora, também não queria fazer faculdade agora. Não estava efetiva ainda, meu filho era pequeno e eu ficaria um bom tempo longe dele. Pretendia me efetivar primeiro, depois, fazer um cursinho, tentar Unicamp, estudar durante o dia, ou então um curso de magistério superior, que seria feito em apenas dois anos, ainda em tempo de cumprir a lei, que esgotaria seu prazo em 2007.

Fiz tudo o possível, para não fazer o curso, mas a cada obstáculo que eu me punha, a solução também me vinha, como uma mensagem “divina”, de que era essa a minha chance, de que era com ela que eu deveria contar.

Passei bem classificada, apesar de ainda, não me achar uma aluna das mais brilhantes.

Então, começou minha vida acadêmica e a correia de trabalhar, dar atenção aos meus problemas familiares, preparar aulas, ler os textos, fazer resumos, resenhas, portfólios, trabalhos, seminários, filho pequeno, fins de semanas que não existiam mais, estresse, lapsos de memória, cansaço físico e mental, “quem sou eu”, polivitamínico. Senti-me varias vezes como minhas crianças, com muito conteúdo e sem saber o que de fato fazer com eles.

“Em caras de presidentes, em grandes beijos de amor, em dentes, pernas bandeiras bomba e Brigitte Bardo. O sol na bancas de revista me enche de alegria e preguiça quem lê tanta noticia? Eu vou por entre fotos e nomes os olhos cheios de cores o peito cheio de amores, vãos. Eu vou porque não? Porque, não? (VELOSO, 1999)

Enfim, faz se necessário o crescimento, a aprendizagem, o profissional melhor qualificado. A formação continuada...

“Lá vão pelo caminho a mãe e a criança, que vai sendo arrastada pelo braço – segurar pelo braço é mais eficiente que pela mão. (...) digo que o caminho por que anda a mãe não é o mesmo por que anda a criança”. Os olhos da criança vão como borboletas, pulando de coisa em coisa, para cima e para baixo, para os lados é, uma casca de cigarra num tronco de árvore, quer parar para pegar, a mãe lhe dá um puxão (...) se ela conseguisse ver e brincar com os brinquedos que moram no caminho ela não precisaria fazer análise. (...) os adultos não vêem, só as crianças e os artistas. (...) Olha pra frente! Assim são os olhos adultos. Os olhos não são brinquedos, são limpa trilhos. Servem para abrir caminhos na direção do que se deve fazer.(...) Coitados dos adultos! Arrancaram os olhos vagabundos de criança e os substituíram por olhos ferramentas, limpa-trilhos. (Alves, 2002,pág 12 a14)

Legal isso! Achei alguém com quem conversar. Alias não só um mais vários. Talvez os adultos, “professores”, também precisem destes olhos brincalhões olhos que não só “limpem”, mas brinquem com o caminho. Pensar que as Paineiras florescem em agosto os Ypes em setembro e os Flamboyant em dezembro. Que o caminho para a escola fica mais alegre e florido nessas épocas. Tudo na escola pode ser bom, ou ser transformado em algo bom. Depende muito mais de nossos olhos do que das coisas que encontramos pelo caminho. Nós os “professores”, também temos olhos que sabem brincar, o que muitas vezes esquecemos é de usar esses olhos.

8- AS AULAS

Começaram então, as aulas magnas e o professor Sérgio Leite, falando de um tal de “Letramento”, não entendia, questionava, argumentava com ele e com minha AP (que já estava a ponto de enlouquecer com tantas indagações) “Agora se letra e não se alfabetiza mais? Esses modismos de Unicamp.”

Resolvi deixar de lado esse assunto, quem sabe com o tempo, ruminado e melhor absorvido me pareceria melhor, esse tempo de ruminação parece ser o melhor a fazer quando não entendemos determinado assunto, pois nos dá tempo para a reflexão e assim sim avaliar nossas práticas.

Estou este ano trabalhando com uma quarta série e após ter entendido a diferenciação, entre letrar e alfabetizar e o porque essa se dá, entendendo letramento, como uma condição para o aluno não apenas ler, mas compreender o mundo que o cerca, as coisas ficaram bem mais fáceis e claras. Então minha proposta de contar histórias está perfeitamente encaixada com esse pensamento.

Um dos métodos globais mais antigos – o de contos- começou a ser aplicado nos Estados Unidos da América do Norte no fim do século XIX. Consiste em iniciar o ensino da leitura a partir de pequenas histórias, adaptadas ou especialmente criadas pelo professor. O pressuposto é explorar o grande prazer da criança em ouvir histórias e introduzi-la ao conhecimento da base alfabética da língua e ao gosto pela leitura. (CARVALHO, 2005, pag 33)

Partindo novamente da teoria para a prática, como já disse outras vezes, parecia-me, estranho contar histórias infantis para uma quarta série, mas quebrado o tabu, hoje em dia o desafio é sempre superado com uma surpresa.

Outro dia tive uma, contava eu para minha sala de quarta série, uma história de três cabritinhos que precisavam atravessar uma ponte para poderem beber e comer. Porém um lobo, que se acha dono da ponte, não permite que eles passem.

Pois bem, com as crianças menores, da primeira e segunda série eu faço a voz dos cabritos, que vai engrossando, conforme eles crescem e sempre tem que ter bis no final, com a voz do cabritão.

Algumas crianças, que hoje estão na minha sala de quarta série, foram meus alunos na segunda e outros ouviram essa mesma história na primeira no tempo em que eu era substituta. Acontece, que um de meus alunos é um garoto de quatorze anos, já um mocinho, que acha que história é só para criança pequena. (Normal eu também achava). Contava eu, a história e ele de cabeça baixa, não me dava a mínima atenção, até que o cabritão, começou a enfrentar o lobo. Ele levantou a cabeça e me olhou com os

olhos assustados, como se não acreditasse no que ouvia, acompanhou então, o final da história e todas as outras daí por diante.

Acredito nesse tipo de ensino, que possa realmente fazer diferença na vida de um ser, tirá-lo da apatia do não saber, do não querer saber e estimular novas formas de aprender. As histórias nos fazem isso. Entendendo então, o letramento como um passo além da alfabetização, posso hoje em dia, dispor desse arsenal que é a contação de histórias, para assim, interagir com meus alunos. Gostaria que cada um de vocês pudesse observar os rostos dessas crianças quando ouvem uma história, não importa a idade que tenham. Às vezes eles resistem em ouvi-las, pois não sei quem inculti-lhes na cabeça, que história não é para eles, talvez seja essa própria vida escolar, na qual são madurados a força como abacates embrulhados em jornal.

Isso até daria um bom tema para um mestrado, pois está provado que o abacate, se enrolado ou não, amadurece no mesmo tempo. Quem sabe se não embrulhássemos mais nossas crianças, essas amadureceriam mais naturalmente e teríamos frutos mais gostosos e suculentos na medida em que a fruta do pé é sempre mais doce.

Mas essa vida escolar além de nos fornecer frutos verdes, ainda nos fornece esse fruto madurado á força e que é aguado. Aliás, o que tem de bom em se freqüentar uma universidade é isso, a segurança de se fazer o que se faz na “quase” certeza de se estar acertando.

Digo quase, pois entendo que não podemos nos achar “sabedores de toda a verdade”, até por que, nos também, somos participantes desse processo, colocando-me ainda na condição de alguém que também está se letrando e estando assim tentando contribuir para a construção de uma educação onde o indivíduo seja realmente valorizado por suas qualidades. Fazendo assim minhas as palavras de Paulo Freire “(...) uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas.” (FREIRE,2005, pág 28)

Essa tem sido minha grande luta na escola pública, valorizar o que se tem de bom.O aluno ideal não existe mas pessoas verdadeiras sim. Lidar com gente é isso. Educar dá trabalho.

9- A EDUCADORA

A escola agora tem por prioridades pensar uma educação onde o saber desse aluno seja valorizado. Pensar uma nova estrutura educacional deve ser nossa prioridade. Devemos reivindicar os direitos ao acesso a uma escola pública de qualidade, na qual os alunos tenham real possibilidade de desenvolver seus potenciais que lhe são direitos como cidadão. Isso sim são melhorias e são direitos dessas crianças. Talvez seja esse o caminho que vinha procurando para trabalhar no fundamental e ainda poder usar meus conhecimentos em educação infantil. O ponto onde a educação infantil e o fundamental se estranham é realmente esse.

A criança do infantil chega no fundamental e começa a ser tratada com um ser aos pedaços, ela chega em nossas escolas como se nada tivesse sido feito antes. O familiar e o professor lhe dizem: “Agora, você irá começar a aprender” sem levar em conta que a aprendizagem é um processo contínuo do indivíduo.

Esses serezinhos são enviados para escolas onde a estrutura física em nada colabora para que ali seja um lugar de real aprendizagem, com espaços físicos restritos, sem nenhum atrativo. E ainda assim, queremos que dali saiam crianças letradas, que dominem técnicas de escrita, linguagem, matemáticas, sociais, tecnológicas.

Em um espaço onde não se pode brincar, correr ou manipular. Como esperamos que nossas crianças, alcancem um desenvolvimento satisfatório?

No letramento, encontrei os argumentos, que vinha procurando.

(...) letramento não como sinônimo de aprendizagem de letras, sílabas ou palavras, mas como compreensão da função social da escrita que possibilite sua utilização não como técnica, mas como um instrumento da cultura que permite a comunicação e o registro da expressão e do conhecimento. (MELLO, 2005, pág 40)

Aprender em si não é difícil, a inutilidade dos conhecimentos adquiridos, é que nos fazem perder tempo na vida. Hoje já não se usa mais tanto a decoreba e alguns profissionais já despertaram para essa realidade. Porém existem lugares onde ainda se pensa, que a boa e perfeita educação só se dá com a transmissão dos saberes de conteúdos e a imobilidade bancária.

Faz-se necessário que saíamos desse mundinho no qual eu mando e o aluno obedece. O professor tem que ser acima de tudo o mediador desse conhecimento, não

como aquele que tudo sabe, mas como companheiro do crescimento.

A interação entre professor e aluno na educação infantil se faz muito mais presente e participativa. O professor não só interage com o aluno, ele também participa de suas idéias e ações. Trazer isso para o fundamental, tem sido meu ponto de discussão. Lembrar sempre que eles são crianças, tem sido minha maior preocupação.

10- A INCOERÊNCIA

Agora falamos em incluir a criança de seis anos no ensino fundamental para que ela aprenda mais cedo. E pergunto: “Com assim? Onde estão os pensadores da educação infantil? Como isso passou na esfera Federal sem que ninguém se desse conta disso?”

A criança aprende sim e muito na educação infantil, o que falta é uma vontade política para que haja um investimento real nessa área. Afinal o ECA, já contempla tal atitude no capítulo IV art 54 inciso IV. É dever do Estado assegurar á criança e ao adolescente: “Atendimento em creche e pré-escola ás crianças de zero a seis anos.” (ECA,1990,pag12)

Porém o discurso que ouvimos é o seguinte: “A criança irá para o ensino fundamental porque ela terá uma maior oportunidade de se alfabetizar mais cedo. Como as crianças de classes mais favorecidas que tem acesso à pré-escola.” Aqui entra minha pergunta e talvez até já a resposta: “Qual é a idade media com que essas crianças das classes mais favorecidas começam a freqüentar a escola? Elas não vão para a escola com seis anos. Elas começam, em media a freqüentá-las com dois anos. E elas freqüentam escolas infantis e não escolas fundamentais”.

Agora porque nossas crianças, não podem freqüentar a educação infantil? As pré-escolas brasileiras têm profissionais tão competentes, quantos os que se encontram no fundamental. Achar que a pré-escola é só um espaço de brincadeiras, é a meu ver o maior dos equívocos da educação brasileira. Sem falar que já descrevi incansavelmente nesse texto, o espaço físico da escola não favorece nem o ensino fundamental quem dirá acolher crianças pequenas.

Uma boa idéia disso é o que acontece com a inclusão de alunos com necessidades especiais. Apesar dos diversos acordos firmados internacionalmente pelo Brasil, nossas escolas continuam sem fornecer o acesso mínimo a essas crianças quem dirá o quanto se preocupam com os pré-primários. Há que se pensar e muito nisso.

Concluindo então estamos cansados de discursos vazios, de boas idéias que não chegam a germinar.

Espero que esses três anos de faculdade tenham, não só despertado em mim, mas em minhas colegas também, o desejo de realmente investir nesse processo educacional, não apenas nos alunos mas em si mesmas, como o saber argumentar de uma forma tal que seja impossível isso continuar como está.

Nessa minha caminhada aqui na universidade foram três anos de reflexão e estruturação de pensamento, mas nenhum prazer foi maior do que descobrir que fazia o certo e que me preocupava com as coisas certas. O que me faltava era sair do senso comum. Ter a oportunidade de conhecer, autores e professores que assim como eu, buscam essa educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem, “O olhar adulto”, In: Bento, Inês de França, (Org) *A Festa de Maria*, Campinas SP, Editora Papirus, 6ª edição, 2002, Pág 12-14.
- BRASIL. Ministério da Educação. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.
- CARVALHO, Marlene, “Métodos Globais: aprender a ler a partir de histórias ou orações”, *Alfabetizar e Letrar*, Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2005, pág 33.
- DIAS, Antonio Gonçalves, I-Juca Pirama – Ostibiras-Outros Poemas, Canção do Exílio, Coleção : *A obra prima de cada autor*, São Paulo SP, Editora Martin Claret, 1ª edição, 2002, Pág 28-31.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, In: ANJOS, Margarida dos, FERREIRA, Marina Baird, (Orgs) *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro RJ, Editora Nova Fronteira, 4ª edição, 2002, Pág 251.
- FREIRE, Paulo, “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo SP, Editora Paz e Terra, 31ª edição, 2005, Pág 28 e 43.
- LEWIS, Clive Staples, “O cavalo e seu menino”, *As Crônicas de Nárnia*, São Paulo SP, Editora Martins Fontes, 1ª edição, 2005, Pág 206.
- MELLO, Suely Amaral, “O Processo de aquisição da escrita na educação infantil”, Contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de, MELLO, Suely Amaral, (Orgs) *Linguagens Infantis, Outras Formas de Leitura*, Coleção Polêmicas de nosso tempo, Campinas SP, Editora Autores Associados, 2005, Págs 24 – 40.
- RIZZOLI, Maria Cristina, “Outras Formas de Leitura, Leituras com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália”, In: FARIA, Ana Lucia Goulart de, MELLO, Suely Amaral, (Orgs). *Linguagens Infantis, Outras Formas de Leitura*, Coleção Polêmicas do nosso tempo, Campinas SP, Editora Autores Associados, 2005, Pág ,7-11.
- VELOSO, Caetano, Alegria-alegria, Serie Milênio, Tropicália, MPB, Gravadora Universal Music, 1999.